

MAX WEBER E A CORRENTE NEOWEBERIANA NA SOCIOLOGIA DAS PROFISSÕES

Aldo Antonio Schmitz*

1. INTRODUÇÃO

As abordagens das profissões e da profissionalização ocorrem essencialmente nos contextos econômico, social e da ciência política, esferas dominadas pelos estudos de Max Weber (1864-1920), considerado um dos fundadores da sociologia moderna. Estas questões transpassam a sua obra, fundamentada em critérios racionais de competência, formação e ética. Na sociologia clássica encontram-se também Karl Marx (1818-1883), que examina o trabalho na produção capitalista e o conflito entre as classes; Durkheim (1858-1917), com enfoque na “divisão do trabalho”, regida por regras morais, solidariedade social e orgânica e imiscui-se Talcott Parsons (1902-1979), pela sua concepção funcionalista seminal de profissionalização.

A socióloga portuguesa Maria de Lurdes Rodrigues (2012) atualiza os estudos sobre a sociologia das profissões e estabelece três correntes de estudos: funcionalista (Durkheim e Parsons), interacionista (Escola de Chicago) e neoweberiana, esta representada por Eliot Freidson e Magali Sarfatti Larson, que desconstruem os estudos funcionalistas e avançam nas abordagens e na revisão do pensamento weberiano. Alguns estudiosos das profissões posicionam Freidson na linha interacionista, por sua ligação com a Escola de Chicago, onde estudou os impactos da comunicação nas crianças e não as profissões. Mas ele revisa e atualiza o pensamento de Weber relacionado à profissionalização.

* Mestre em Jornalismo e doutorando em Sociologia Política, ambos pela UFSC. Contato: aldoschmitz@gmail.com

Outros incluem na linha weberiana Terence Johnson, um dos primeiros a relacionar profissões a poder, no início da década de 1970; Randall Collins, por discutir as profissões como grupo de *status*; Paul Starr, pela abordagem de autoridade cultural, além de autores não ligados à sociologia das profissões como Norbert Elias, por examinar as profissões navais na Inglaterra e Pierre Bourdieu, pelo seu modelo teórico de análise dos conflitos no campo profissional. Estes são autores que desenvolveram estudos relacionados à teórica weberiana, mas não reveem nem atualizam diretamente as suas concepções, portanto não se enquadram como *neoweberianos*, pela tipologia de Sell (2012).

No Brasil há uma lacuna nos estudos da sociologia das profissões como uma disciplina consistente nas ciências sociais – exceções às universidades federais de São Carlos (UFSCar) e Rio de Janeiro (UFRJ) –, embora se encontre pesquisas importantes feitas principalmente por Maria Lígia de Oliveira Barbosa (2003), Maria da Glória Bonelli (1999, 2011) e Jordão Horta Nunes (2011), entre outros, bem como debates no Congresso Brasileiro de Sociologia (2013), no qual um grupo de trabalho discute as “ocupações e profissões” e também nos encontros anuais da Anpocs (2014).

Mas, o estado da arte, em especial nos Estados Unidos e Inglaterra, indica um avançado desenvolvimento de pesquisas nesta área. Rodrigues (2012) aponta, além das correntes citadas anteriormente, outros paradigmas e estudos na sociologia das profissões: a abordagem crítica, a análise sistêmica e abordagens comparativas, profissionalização e desprofissionalização, profissões e organizações, profissões e conhecimento, profissões e Estado.

A partir destas averiguações, o propósito deste breve ensaio é contribuir para o encaminhamento dos estudos na área, apontando referências nas obras de Weber e dos neoweberianos para enriquecer o repertório da sociologia das profissões, especificamente no aporte weberiano.

O artigo faz uma pequena introdução à sociologia das profissões e nos tópicos seguintes articula as contribuições weberianas e neoweberianas, notadamente ao que se refere à qualificação profissional, credenciamento, profissionalismo, às relações de poder, profissão e organizações, conduta ética, além de apontar algumas críticas à ortodoxia neoweberiana.

Ao final destacamos como um estreitamento referencial teórico e metodológico de Weber e dos neweberianos na sociologia das profissões ajuda no avanço dos estudos das profissões e da profissionalização moderna e contemporânea.

2. SOCIOLOGIA DAS PROFISSÕES

Rodrigues (2012, p. 13-14) alerta que “a sociologia das profissões tem um estatuto diferente de grande parte das disciplinas especializadas tradicionalmente oferecidas nos cursos de sociologia”. Não se pode considerar um estudo recente, a exemplo das novas tecnologias, pois se trata de uma área antiga e de longa tradição de investigação empírica, embora desprezada ou inserida como matéria em outras disciplinas relacionadas ao mundo do trabalho. Desde a década de 1930 estudam-se as profissões nos países de língua inglesa, onde há uma distinção clara entre *profissão* e *ocupação*. A simples adoção indiscriminada da terminologia pode confundir. No Brasil, por exemplo, a “profissão” de *vaqueiro* foi regulamentada por lei, em 2013¹.

Ainda segundo Rodrigues (2012, p. 9) distingue-se uma *profissão* pela formação, o conhecimento científico e prático; autonomia sobre o tipo e a forma de realização do trabalho; autorregulação e controle do acesso ao mercado de trabalho e ainda, pela realização da atividade para a resolução de problemas. Profissão, no sentido geral ocorre na distinção entre profissional e amador. Nesta comparação, o *amador* faz tarefas sem uma preocupação racional, entende superficialmente de alguma coisa e da regra, enfim, um autodidata, leigo. Enquanto o *profissional* se apresenta como um trabalhador genuíno em atividade regular com um valor de troca no mercado e que exerce uma profissão ou ocupação como meio de vida ou pelo ganho.

A maioria dos teóricos das profissões preserva o conceito de “profissão”, à “especialização criteriosa, teoricamente fundamentada” (Freidson, 1996) e classifica a atividade profissional em: a) *profissão*, de modo geral reservada ao profissional liberal ou profissão “livre” (Weber, 1982), “profissão pessoal” (Larson, 1980), especialista, perito,

1 Lei n. 12.870, de 16/10/2013.

expert (médico, advogado, dentista, cientista etc.); b) *ocupação profissional*, forma racional simples, determinada pela divisão do trabalho, com limites jurisdicionais negociados entre si, para realizar serviços aos consumidores do livre mercado ou às organizações racionais, onde os profissionais estão sujeitos aos princípios administrativos de hierarquia, cargo, salário, benefícios, carreira vertical etc. (Freidson, 1996, 1998).

A noção de “profissão” na sociologia de Weber (2004, 2013) – equivocadamente traduzida por “vocação”², talvez pela reminiscência religiosa, embora o mais correto fosse “profissão”, entre aspas, mesmo –, possibilita formular uma linha interpretativa, tendo como eixo o processo de racionalização da sociedade ocidental moderna. Raramente Weber utiliza o termo *profissão* e quando o faz, em geral, usa o grifo ou aspas, talvez por considerar um conceito imaturo na época; ele prefere *profissional* e diferencia estas duas noções.

Por *profissão*, Weber (1964, p. 111) entende como a “especificação peculiar, especialização e coordenação dos serviços prestados por uma pessoa, fundamentais para a sua subsistência ou lucro, de forma duradoura”; enquanto *profissional*, compreende como o indivíduo que detém qualificações técnicas, conhecimento ou instrução racional e “assume a direção técnica na preparação do procedimento e a execução dos meios de produção” (Weber, 1971, p. 20). Estas concepções destacam a capacitação por meio da especialização ou qualificação, o individualismo metodológico e a competência para obter renda contínua ou duradora. Os neweberianos avançam em outros requisitos para configurar uma profissão.

3. AS CONTRIBUIÇÕES DE MAX WEBER

A partir da interpretação das ações dos indivíduos nas esferas sociais, Weber identifica as organizações como configurações burocráticas modernas que contribuem para o desenvolvimento das atividades profissionais. Concebe a profissionalização por meio da institucionalização de salários, promoções, direitos e deveres profissionais.

2 Nos ensaios *Ciência e política*, em espanhol traduziu-se *vocação* para “*profesión*” e em francês, “*profession*”.

Weber (1964) também antevê o crescimento do número de “peritos” (*experts*) com formação especializada, a exemplo dos cientistas. Qualquer referência à palavra *profissional* remete às noções de competência, integridade, conduta ética, qualificação, hierarquia, poder, prestígio, renda, posição social, privilégios, entre outras, elementos constitutivos do pensamento weberiano.

Mesmo reconhecendo a existência de ofícios em sociedades pré-modernas, este pensador posiciona a profissionalização como um fenômeno social moderno. Ele mostra que nessa transição “também teve a interferência de pessoas privadas socialmente influentes e, bem como, a combinação da autoridade dos notáveis e o conhecimento prático dos empresários privados com a perícia especializada dos burocratas profissionais” (Weber, 1982, p. 274). Ou seja, o estatuto da profissionalização na modernidade não depende das transmissões hereditárias de ofícios, mas de atividades desempenhadas pela competência, formação ou especialização.

Na condição de sociólogo, ele explica as estruturas sociais a partir do comportamento dos indivíduos. Sua análise parte da ação social, que distingue em ação racional com relação aos fins e a valores, além da ação afetiva e tradicional. Na sua visão, profissionalização e burocratização são processos interligados e complementares que se potencializam e reforçam. Por isso, dos autores da sociologia clássica, apresenta-se como inspirador e o pensador mais influente no desenvolvimento da sociologia das profissões, capaz de sustentar uma corrente de estudo, a neoweberiana, que amplia e atualiza as suas concepções.

Por exemplo, em suas conferências sobre os profissionais da ciência e da política, proferidas aos estudantes da Universidade de Munique, em 1917 e 1918, respectivamente, Weber (2013) traça o propósito profissional de ambos: dedicação, especialização, paixão, inspiração e ética. Em suas falas evidenciam-se a profissionalização como meio de domínio prático da realidade, a capacidade de avaliar os meios e os fins, agindo profissionalmente de forma racional, sistemática e objetiva. Ele enfatiza nestes casos, a intelectualização e o desencantamento do mundo, como formas de assumir as tarefas e as responsabilidades.

4. WEBER E A CORRENTE NEOWEBERIANA

Para Sell (2012), além da exegese, os neweberianos são pesquisadores capazes de “oferecer uma alternativa ao debate sobre o caráter da modernidade em tempos atuais”, de validar e atualizar a metodologia sociológica weberiana. Neste sentido, o modelo neweberiano busca identificar os microcenários de ação social, decorrente de um aparato analítico e conceitual da sociologia interpretativa, compreensiva. Desta forma, pretende-se discutir como a corrente neweberiana aborda as questões ligadas à sociologia das profissões, a partir de Weber, e se avança na contemporaneidade.

O americano Eliot Freidson (1923-2005), considerado um dos fundadores da sociologia das profissões, desenvolveu trabalhos referenciais no campo da Medicina. Entre 1946 e 1952 fez mestrado e doutorado em Sociologia na Escola de Chicago. Ao término do pós-doutorado (1952-1954) em Illinois, iniciou as suas pesquisas empíricas pioneiras no campo das profissões no hospital Montefiore, em Nova York, cidade onde permaneceu como professor de Sociologia, inicialmente no City College e depois na Universidade de Nova York (1961-1993), onde dirigiu o departamento de Sociologia até se tornar professor emérito. É autor de uma dezena de livros e mais de oitenta artigos em conceituadas revistas científicas de sociologia e medicina (Pereira Neto, 2009).

Freidson articula o pensamento weberiano e avança para uma abordagem teórica sobre o controle ocupacional do trabalho e designa profissão como um tipo específico de trabalho especializado, “uma ocupação que controla o seu próprio trabalho, organizada por um conjunto especial de instituições sustentadas em parte de uma ideologia particular de experiência e unidade” (Freidson, 1998, p. 33). A intersecção com Weber ocorre em várias abordagens: autonomia profissional, *status* das profissões, prestígio na prestação de serviço, a profissão como forma de organização social do trabalho, conduta ética, entre outras.

A neweberiana genuína, Magali Sarfatti Larson, nasceu na Itália (Roma), em 1936, mas desde os 2 anos de idade vive em outros países, no Uruguai, a partir de 1938; França, 1951; Argentina, 1956 e EUA, desde 1964. Atuou como professora de Sociologia na Universidade de Temple (1978-1998), na Filadélfia e professora emérita da Universidade de Urbino (1998-2001), na Itália. Fez doutorado direto (sem o título de

mestre) na Universidade da Califórnia, em Berkeley (1970-1975), onde desenvolveu a tese sobre a ascensão do profissionalismo sob uma análise sociológica, transformada em livro em 1977. Foi a primeira licenciada em Sociologia na Universidade de Buenos Aires, onde realizou estudo sobre o desenvolvimento das profissões modernas, orientado pelo sociólogo ítalo-argentino, Gino Germani (Larson, 2014).

Em articulação com Weber, Larson (1977, 2012) contribui para um padrão de referências teórico e metodológico, em especial na abordagem da profissionalização e fechamento social. A partir de uma análise sócio-histórica dos projetos profissionais e da concepção das profissões como ação social, a autora discute essencialmente o monopólio das profissões, de como os grupos profissionais se mobilizam para conquistar e manter os privilégios concedidos pelo Estado na regulamentação, credenciamento e garantia de controle do exercício profissional.

Em alguns temas, Freidson (1986, 1998) e Larson (1977, 2012) tomam Weber como fundamento para os seus argumentos, em outros, partem dele para avançar em questões mais complexas e ainda assumem o papel de revisionistas, apontando novos problemas na perspectiva da dinâmica das profissões no mundo contemporâneo. Os neoweberianos se ocupam basicamente de problemáticas centrais em Weber: poder, competência e especialização, a partir da interpretação do fenômeno do profissionalismo moderno, até aportar na sociologia contemporânea.

5. PROFISSIONALISMO

Para Weber, o profissionalismo concorre para a expansão da burocracia, do mercado e do estilo de vida:

o puritano *queria* tornar-se um profissional – nós *devemos* sê-lo. Pois, a ascense, ao se transferir das celas dos mosteiros para a vida profissional, passou a dominar a moralidade intramundana e assim contribuiu para edificar esse poderoso cosmos da ordem econômica moderna, ligado aos pressupostos técnicos e econômicos da produção pelas máquinas, que hoje determina com pressão avassaladora o estilo de vida de todos os indivíduos que nascem dentro dessa engrenagem – *não* só dos economicamente ativos – e talvez continue a determinar até que cesse de queimar a última porção de combustível fóssil (Weber, 2004, p. 165).

Evidencia-se a correlação entre racionalização e o desencantamento do mundo, que se confirma na concepção de *ciência como profissão*, que Weber (2013) posiciona nas dimensões material e ascética. Por exemplo, o ingresso na carreira científica ocorre pelo domínio do conhecimento e também na visão subjetiva, o dom pessoal, a “vocação”, o que foge à racionalização. Mas, o pensador volta às recomendações racionais de “profissão”, enumerando a contribuição técnica em resolver os problemas da vida, método para pensar, seus instrumentos e a aprendizagem, bem como a clareza e sentido para elucidar a lógica entre meios e fins.

Weber apresenta tipos racionais de cargos, “peritos”, funcionários etc. a partir de um “tipo burocrático mais puro de organização administrativa” (Weber, 1971, p. 24). Larson (1980) acrescenta que um “tipo ideal não nos dizem o que uma profissão *é*, mas apenas o que ela *pretende ser*”. Freidson (1996) alerta quanto à natureza científica do tipo ideal de profissão, sob o argumento de que não se pode simplesmente fazer uma mutação para adaptar o discurso sociológico às profissões, ao desconsiderar os contextos sócio-históricos, o que pode levar a estereótipos e ideologias inadequadas, ocultando a trama de relações e processos sociais complexos do fenômeno profissional contemporâneo.

Mesmo assim, Freidson (1996, p. 2) arrisca-se na construção de um tipo ideal de profissão: saber abstrato e monopólio em área especializada do conhecimento; a autonomia profissional para fazer diagnósticos; o controle do mercado por meio do credenciamento e diploma do ensino superior. Ele compreende as profissões como ocupações onde se desenvolve um tipo de trabalho especializado, fundamentado em critérios teóricos e técnicos, ou seja, o domínio de uma *expertise* e as credenciais para exercê-la.

Para Larson (1977, 2012) a ideologia do profissionalismo se reflete em três períodos históricos e formações sociais: pré-capitalismo (valores e ideais do artesanato), o capitalismo competitivo (industrialização) e o capitalismo liberal. Neste se estabelece o individualismo autônomo e a oferta de serviços, caracterizado pela “profissão pessoal”, como o Direito e a Medicina. A autora defende

que todos os fenômenos profissionais ou profissionalizadores, teoricamente, deveriam estar relacionados com a produção social e a certificação do conhecimento. Assim, em diferentes planos e lugares sociais se encontraria sempre, dentro dos fenômenos profissionais, práticas e códigos de comportamento que se justificam mediante o discurso “douto” ou “erudito” (Larson, 1989, p. 203).

Mas esses fenômenos encontram barreiras na massificação e aumento do número de diplomados, associados à queda da qualidade do ensino. Para a autora, há outras crises, a exemplo das profissões a serviços de grandes organizações, que são sufocadas pela eficiência dos custos e pela busca incessante de resultados, provocando declínio de poder e um processo de proletarização das profissões. Esta sobrecarga põe em choque estes pressupostos ideais.

6. QUALIFICAÇÃO

A qualificação profissional a serviço da burocracia está relacionada à formação superior ou técnica. Weber (1982, p. 232-233) entende que “a ocupação de um cargo é uma ‘profissão’. Isso se evidencia, primeiro, na exigência de um treinamento rígido [...] e a posse de diplomas educacional está habitualmente ligada à qualificação do cargo”.

Weber (1982, p. 482) apresenta tipos ideais da formação profissional, em especial na educação especializada, pelas “tentativas especializadas de treinar o aluno para finalidades úteis à administração – na organização das autoridades públicas, escritórios, oficinas, laboratórios industriais, exércitos disciplinados”. Larson (1977, p. 18) sustenta que a moderna formação especialista “surgiu durante a ‘grande transformação’³ e adquiriu sua forma de acordo com a matriz histórica do capitalismo competitivo”.

Weber (1971, p. 22) já entendia que “o papel das qualificações técnicas em organizações burocráticas é continuamente incrementado”, pois nos estudos acadêmicos se formam “expectativas e compromissos que não são facilmente dominados pela racionalização política ou administrativa. Constroem-se identidades especializadas e

3 Referência à obra *A grande transformação: as origens de nossa época*, de Karl Polanyi (2011), a respeito de “mercadoria fictícia”, em especial do trabalho.

organizadas. O conhecimento se institucionaliza como *expertise*”, afirma Freidson (1998, p. 138-140), a que Weber (1982) chama de “pedagogia de cultura”.

O ensino superior forma um profissional especializado indispensável à burocracia contemporânea. O diploma leva à formação de uma classe social privilegiada de profissionais com “pretensões de monopolizar cargos sociais e economicamente vantajosos”, mostra Weber (1982, p. 279) ao perceber que “a educação necessária à aquisição do título exige despesas consideráveis e um período de espera da remuneração plena, essa luta significa um recuo para o talento (carisma) em favor da riqueza, pois os custos ‘intelectuais’ dos certificados de educação são baixos”. Nisso, o autor encontra uma contraposição, pois, enquanto a educação almeja o “homem culto”, a burocracia busca o “especialista”.

Ele trata da especialização como o trabalho socialmente exercido por uma profissão, uma especificação peculiar que resulta em renda e subsistência. Mas, mesmo com elevada qualificação profissional, o indivíduo inserido na organização burocrática racional encontra dificuldade para demarcar o seu espaço de poder e sucumbe “à proletarização do trabalho”, na visão de Larson (1977, p. 234), que conjectura uma nova classe trabalhadora, o “proletário profissional”, no sentido técnico e não ideológico.

A partir da formação, monopólio e competição, Larson interpreta a construção da identidade profissional coletiva do grupo, aliada ao associativismo e organização classista de ações coletivas, voltadas para a formação e a institucionalização de competências e motivações econômicas. Inspirada em Adam Smith⁴, Larson (1977, p. 90) verifica que os anos de escolaridade se tornam uma justificativa ideológica para o preço dos serviços profissionais, superior ao seu valor de mercado.

7. PROFISSÕES E ORGANIZAÇÕES

A discussão sobre profissões e organizações ocorre “entre o princípio organizacional e administrativo burocrático de controle e coordenação hierárquicos e o

4 SMITH Adam. *An inquiry into the nature and cause of the wealth of nations*. New York: Modern Library, 1937. p. 105

princípio de organização profissional da autonomia e da autoridade baseadas no conhecimento e nas competências individuais”, explica Rodrigues (2012, p. 97), destacando tensões e conflitos sociais, notadamente quando ocorre o vínculo de profissionais liberais, dependentes e assalariados de uma organização burocrática.

Na perspectiva weberiana qualquer organização administrada racionalmente baseia-se na burocracia e por conta da sua estrutura e dinâmica, induz o indivíduo a tornar-se um profissional preparado para uma carreira conforme seu plano de cargos. “Geralmente, podemos dizer apenas que a burocratização de todo o domínio promove, de forma muito intensa, o desenvolvimento de uma ‘objetividade racional’ e do tipo de personalidade do perito profissional” (Weber, 1982, p. 277).

Para o pensador, a organização dos cargos obedece ao princípio da hierarquia: cada função inferior está sob o controle e supervisão do superior. A forma racional de reconhecimento da “especialização das profissões, por facultar ao trabalhador uma competência, leva o incremento quantitativo e qualitativo no rendimento do trabalho”, indica Weber (2004, p. 146), ressaltando que “a escala salarial é inicialmente graduada de acordo com o nível hierárquico; além desse critério, a responsabilidade do cargo e as exigências do *status* social do ocupante podem ser levadas em conta” (Weber, 1971, p. 20).

A isso Larson chama de “profissão organizacional” e percebe um processo sutil de proletarização técnica de profissionais em grandes empresas e no Estado. Assim, o *status* de “profissional” transforma-se em “empregado” burocrático tradicional, sujeito ao controle administrativo, equiparando-se às demais ocupações. A especialização das funções incrementa um saber e isso “amarra o indivíduo a uma determinada organização e a um trabalho específico, assim destruindo a polivalência de habilidade e seu valor de mercado. Para os profissionais também é um fator de potencial proletarização” (Larson, 1977, p. 231).

Para Rodrigues (2012, p. 97-100), o vínculo empregatício ou da prestação de serviço direta de profissionais liberais nessas estruturas organizacionais burocráticas, mesmo que ocorra certo arranjo entre a autoridade administrativa e a autonomia profissional, constitui problemas, em especial, na estrutura hierárquica, nas relações de poder e quanto ao conhecimento e a criatividade como propriedades individuais do

profissional. Isso porque, o profissional liberal do tipo puro é cada vez mais raro na contemporaneidade, pela exigência do mercado em tornar o autônomo em “pessoa jurídica” ou empregado a serviço de hospitais, clínicas, planos de saúde, escritórios de advocacia, construtoras e empresas de engenharia etc.

8. FECHAMENTO RACIONAL

Na concepção de Weber (1964, p. 151) “fechar mais ou menos completamente a outros grupos o acesso às oportunidades sociais ou econômicas, que existam em certo domínio” gera uma regulamentação rigorosa para o exercício de uma profissão. A isso, Freidson (1996) denomina de “reserva de mercado protegido” de trabalho, assegurada pela exigência de credenciais, que certificam as competências para exercer uma profissão. Larson (1977, 2012) reconhece como “monopólio profissional”, a defesa do interesse privado dos membros de uma categoria profissional, como a característica-chave das profissões regulamentadas. Portanto, são as elites que tentam manter o monopólio da prática, o poder e a clausura cultural.

O fechamento social, conceito-chave na perspectiva neweuberiana, está relacionado ao diploma e ao credenciamento por uma entidade classista e pelo Estado, como requisitos para o exercício profissional. Para Larson (1977, 2012) trata-se de um monopólio legal para certos serviços, criando mercados fechados a não-profissionais, garantidos pelo Estado, que regulamenta as profissões e credencia os respectivos profissionais. Assim, estes obtêm privilégios materiais e simbólicos. Também subsiste um processo histórico de mobilização classista, que reverte em estatuto social elevado. Esse monopólio, principal objetivo das profissões, conduz ao seu “fechamento social”, conceito retomado de Weber.

Segundo Rodrigues (2012, p. 81-82), para concretizar a reserva de mercado, as profissões se valem das entidades classistas (sindicato, federação, confederação, conselhos federal e regional), regidas por estatuto social e na maior parte das vezes, a autorregulamentação, que protege a profissão da interferência externa, notadamente dos rigores da lei. Aliás, no monopólio profissional, a ética tem maior alcance que a

legislação, que procura evitar condutas desviadas, enquanto a ética pode levar a decisões boas e vantajosas para o integrante ou grupo.

9. RELAÇÃO DE PODER

A essência das profissões está no conhecimento como fonte de poder, tema relevante em Weber. Para ele a profissionalização requer conhecimento e poder, por isso impõe uma forma de dominação. O poder dos profissionais descende da qualificação e do saber técnico especializado, absorvidos na formação racional. Nisso, a sua concepção de “profissional” conjuga-se na ação racional em relação a fins e a valores. Conforme os seus postulados, para estabelecer os fins a que se propõem, os indivíduos constroem tipos ideais, guiados por atos e conduta ética, respondendo o que “determinam os profissionais e os integrantes dessa ‘comunidade’ a agir para que ela possa surgir e subsistir” (Weber, 1964, p. 15).

Outro fator é a autoridade. Para Weber (1971, p. 15-16), o tipo moderno de autoridade é aquela empregada pela burocracia, a racionalidade normativa e legal e não o poder coercitivo. A obediência às ordens está vinculada a legitimidade, pois elas se justificam pelo grau de poder de quem ordena. Este pensador distingue três tipos de autoridade: a carismática, baseada em características sagradas ou destacadas do indivíduo; a tradicional, fundamentada nos costumes, e a racional legal, com base nas normas e leis. Freidson (1986) acrescenta a autoridade por “competência técnica”, a exemplo da relação médico-paciente.

Freidson (1996) argumenta que quando uma profissão conquista o direito de controlar seu trabalho, geralmente trata-se de uma elite dominante ou o Estado que outorga autonomia organizada e legítima. O autor se adianta ao considerar que em certas profissões, o conhecimento se converte em capital cultural e não somente em poder cônico. Mostra que se trata de um novo sistema capitalista, baseado no conhecimento abstrato e em informações. Essa nova forma de poder muda o que Weber entendia por racionalidade mágica, religiosa e científica tradicional. Larson (1980) percebe a perda de certo poder da profissão, quando o profissional liberal, autônomo,

ingressa em uma grande organização burocrática.

10. ÉTICA PROFISSIONAL

Para Weber (1978⁵, p. 319 *apud* Sell, 2013, p. 230) “profissão e o núcleo ético mais íntimo da personalidade – este é o elemento decisivo – formam aqui uma indestrutível unidade”, pois “a ética profissional reformada influenciou de maneira determinante a formação de ‘uma variante do espírito capitalista’” (*idem*, p. 303). Na análise de Sell (2013, p. 230), em síntese, o estudo de Weber recai sobre o *ethos*, derivado de um componente constitutivo, a conduta profissional de vida com conotações éticas, em conexão com o “espírito do homem profissional”, que Weber sustenta incessantemente.

Weber (2004) percorre um caminho sinuoso por diferentes acepções de *professional* vinculadas às religiões, notadamente aquelas ajustadas ao princípio ascético, que permitem entender a condição racional da vida sob a ideia de profissionalização, impulsionada pela “predestinação”, como objeto e cultura moderna do “espírito” capitalista. Neste contexto, trata-se da dimensão racional da ética profissional, a deontologia, na qual a própria religião liberta o “homem econômico”, mais “lucrativo” e sem remorso de sua riqueza. Isso contribuiu para a formação de trabalhadores e profissionais “sóbrios e conscientes, dispostos e em conformidade” com a “nova lei”. Assim, evidencia-se a noção de profissão como uma atividade laboral especializada e também ética, no exercício e dever profissional. Portanto, a abordagem weberiana de *ethos* capitalista centra-se na “ética profissional racional”.

A respeito do profissional da política, Weber (2013) recorre a alguns tipos de políticos e expõe as qualidades de um político profissional: paixão, sentido de responsabilidade e senso de distância social. Nesta perspectiva se destaca a questão ética, ajustada por Weber (2013) em duas orientações ou responsabilidades, que diferem entre si: a convicção e a consequência. A primeira se fixa nos princípios e tem caráter

5 WEBER, Max. *Die protestantische ethik II: kritiken und antikritiken*. In: WINCKELMAN, Johannes (Org.). 4. ed. Aachen: G. Mohn, 1978.

deontológico. Regula-se por normas e valores aplicados à prática profissional. Refere-se à ética do dever, quando se está absolutamente convicto sobre algo. Não segue a cartilha do certo e do errado, mas a ponderação de um caráter incorporado por alguém. Isto é, uma ação bem-intencionada pode produzir consequências desastrosas. Já a ética da responsabilidade relaciona-se à causa final, tem caráter teleológico. Centra-se nas consequências, nos resultados, na avaliação dos riscos.

Contudo, cada vez mais os profissionais são avaliados de forma ambivalente pelos utilizadores de seus serviços, empregadores e sociedade. Ao mesmo tempo em que se impõem como suportes da democracia e do interesse público defendem eminentemente o interesse particular. Ora são valorizados pelos conhecimentos e pela sua competência na resolução de problemas, ora com reprovação pelo monopólio do exercício da profissão, privilégios e exploração, e outras vezes com ceticismo e desconfiança, pela facilidade contemporânea do público em buscar informações e relações (Rodrigues, 2012, p. 20-22).

11. CRÍTICA À ORTODOXIA NEOWEBERIANA

Mike Saks apresenta uma análise crítica à corrente neoweberiana. Discorda da relação sintética entre profissão e poder, que considera bem mais complexa. Também alerta que o enfoque destes neoweberianos se fixa em profissões liberais específicas de mercado (médicos, arquitetos, engenheiros, advogados). “Do ponto de vista teórico, a abordagem neoweberiana é baseada nas relações de mercado, e não no processo de produção, como ocorre na perspectiva marxista” (Saks, 2003, p. 53).

Refuta o foco dos estudos restritos aos Estados Unidos e Inglaterra. Larson (2014) defende-se, alegando que “na época eu duvidava de uma teoria geral das profissões de todos os tempos e lugares, por isso foi fácil tomar a decisão pragmática de restringir a minha pesquisa para a versão ‘anglo-americana’”. Ela também reconhece “abstrações e generalidades” na sua obra original de 1977, creditadas às “fontes secundárias que estavam disponíveis, e não aos materiais primários”.

Saks (2003, p. 51-53) mira os questionamentos na abordagem neoweberiana de

burocracia. Argumenta que a sociologia das profissões transcende as limitações weberianas e defende um debate com raízes teóricas mais extensas, o que levaria a redescoberta de uma nova perspectiva crítica, a neomarxista, capaz de confrontar a aplicação generalizada do esquema burocrático weberiano. Larson (2014) revela que optou pela obra de Polanyi⁶, por supor uma base de sustentação mais consistente que de Karl Marx.

Este autor também aponta outra deficiência na abordagem neoweberiana: a não contextualização incisiva das profissões na divisão do trabalho. Critica ainda, a sublimação das “virtudes” e a minimização dos “vícios” e deficiências das profissões e do profissionalismo, embora reconheça o esforço dos neoweberianos na abordagem peculiar relacionada ao prestígio e privilégios.

12. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do esquema weberiano e do suporte dos neoweberianos, ligados aos estudos das profissões, buscamos cumprir o nosso objetivo inicial de elaborar um referencial que contribua para a discussão na sociologia das profissões sob a ótica weberiana, sem a intenção de abarcar todo o seu espectro.

Todavia, considerando a complexidade do tema, o trabalho possibilita verificar que as concepções de Weber são duradouras, mantendo-se na atualidade como plataformas para os estudos das profissões, do conhecimento e das práticas profissionais, sob o enfoque da racionalização, burocracia, poder, legitimidade, “fechamento” e conflito social.

Portanto, por meio de Weber e da corrente neoweberiana torna-se possível compreender as profissões como as atividades que monopolizam um segmento do mercado de trabalho, levando a crer que os neoweberianos Eliot Freidson e Magali Larson sejam os responsáveis por sedimentar a sociologia das profissões, principalmente pelo enfoque no poder profissional, suas ideologias e projetos.

Os neoweberianos enfatizam os conflitos sociais entre grupos profissionais por

6 POLANYI, Karl. *A grande transformação*: as origens da nossa época. Rio de Janeiro: Campus, 2011.

poder e o modo como promovem projetos coletivos de mobilização, ideologias, controle da formação e fechamento do mercado de trabalho. Tudo para aumentar a coesão interna, construir uma imagem social e uma identidade coletiva para alcançar e manter o *status* de profissão.

Contudo, a tipologia teórica de *profissão*, de tão criteriosa, praticamente se restringe aos profissionais liberais, pois estabelece tantos requisitos e características, que quase inviabiliza qualquer tentativa de transformar uma *ocupação* em *profissão*. Mas, segundo Larson (2014, p. 8), “os sociólogos da Escola de Chicago confirmam essa noção e por meio de seus trabalhos empíricos refutam a ideia de diferença, na essência, entre profissões e ocupações”.

Desse modo, a dinâmica do mercado faz emergir grupos ocupacionais com projetos de profissionalização, que aspiram o reconhecimento como profissão e aquelas chamadas de “liberais”, autônomas, se reclusam no emaranhado burocrático das grandes organizações. Questões como estas tornam a sociologia das profissões dinâmica, em permanente mudança.

Afinal, sabe-se o suficiente sobre as profissões e a profissionalização? Esta questão perturbadora faz retornar ao início, com o propósito de estimular o seu estudo sistemático e também incitar novas pesquisas avançadas, capazes de vencer visões estereotipadas, dicotomias e simplismos acerca do tema, eventualmente, por alguns “novos” neweberianos.

REFERÊNCIAS

ANPOCS. *Encontro Nacional da Anpocs*, 38. 2014. Disponível em: <goo.gl/Laz9Ze>. Acesso em: 20 set. 2014.

BARBOSA, Maria Lígia de Oliveira. As profissões no Brasil e sua sociologia. *Dados: Revista das Ciências Sociais*, Rio de Janeiro, v. 46, n. 3, p.593-607, 2003. Disponível em: <goo.gl/XNVPfn>. Acesso em: 20 set. 2014.

BONELLI, Maria da Gloria. Estudos sobre profissões no Brasil. In: MICELI, Sérgio

(Org.). *O que ler na ciência social brasileira (1970-1995)*. 2. ed. São Paulo: Sumaré, Anpocs; Brasília: Capes, 1999. v. 2, p. 287-330. Disponível em: <goo.gl/V6UyqK>. Acesso em: 20 set. 2014.

CONGRESSO BRASILEIRO DE SOCIOLOGIA, 26. 2013, Salvador. Disponível em: <goo.gl/KS5Po5>. Acesso em: 20 set. 2014.

FREIDSON, Eliot. Para uma análise comparada das profissões: a institucionalização do discurso e do conhecimento formais. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, ano 11, n. 31, p.141-155, jun. 1996. Disponível em: <goo.gl/LXrj1N>. Acesso em 23 jan. 2014.

_____. *Professional powers: a study of the institutionalization of formal knowledge*. Chicago: University of Chicago Press, 1986.

_____. *Renascimento do profissionalismo: teoria, profecia e política*. São Paulo: Edusp, 1998.

LARSON, Magali Sarfatti. Acerca de los expertos y los profesionales o la imposibilidad de haberlo dicho todo. *Revista de Educación*, Madrid, n. 1 extra, p.199-225, 1989. Disponível em: <goo.gl/sq4oIs>. Acesso em: 10 jan. 2014.

_____. Looking back and a little forward: reflections on professionalism and teaching as a profession. *Radical Teacher*, n. 99, p. 7-17, 2014. Disponível em: <goo.gl/op1Leb>. Acesso em: 10 jun. 2014.

_____. Proletarianization and educated labor. *Theory and Society*, v. 9, n. 1, p.131-175, jan. 1980. Disponível em: <goo.gl/EMYP8h>. Acesso em: 25 jan. 2014.

_____. *The rise of professionalism: a sociological analysis*. Berkeley: University Of California Press, 1977.

_____. *The rise of professionalism: monopolies of competence and sheltered markets*. Piscataway, NJ: Transaction, 2012.

NUNES, Jordão Horta; BONELLI, Maria da Gloria. Associativismo, profissões e identidade. *Sociedade e Cultura*, Goiânia, v. 14, n. 1, p.11-17, jan.-jun. 2011. Disponível em: <goo.gl/67la9y>. Acesso em: 20 set. 2014.

PEREIRA NETO, André. Eliot Freidson: progression and constraints in the biography of an intellectual. *História, Ciências, Saúde: Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 16, n. 4, p. 941-960, out./dez. 2009. Disponível em: <goo.gl/aZDIZ4>. Acesso em: 10 jan. 2014.

RODRIGUES, Maria de Lurdes. *Profissões: lições e ensaios*. Coimbra: Almedina, 2012.

SAKS, Mike. Las limitaciones de la sociología de las profesiones anglo-americana: una crítica de la actual ortodoxia neo-weberiana. In: MARTÍNEZ, Mariano Sánchez; CARRERAS, Juan Saez (Orgs.). *Sociología de las profesiones: pasado, presente y futuro*. Murcia: Diego Marin, 2003. p. 51-66.

SELL, Carlos Eduardo. *Max Weber e a racionalização da vida*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

_____. Um paradigma weberiano? Anotações sobre um programa de pesquisa. In: ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, 36., 2012, Águas de Lindoia, SP. *Anais...* São Paulo: Anpocs, 2012. Disponível em: <goo.gl/mKzfSY>. Acesso em: 10 out. 2013.

WEBER, Max. *A ética protestante e o "espírito" do capitalismo*. São Paulo: Companhia da Letras, 2004.

_____. *Ciência e política: duas vocações*. 3. ed. São Paulo: Martin Claret, 2013.

_____. *Economía y sociedad: esbozo de sociología comprensiva*. 2. ed. México, FCE, 1964.

_____. *Ensaio de sociologia*. 5. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1982. Organização e introdução de Hans Gerth e C. Wright Mills.

_____. Os fundamentos da organização burocrática: uma construção de tipo ideal. In: CAMPOS, Edmundo (Org.). *Sociologia da burocracia*. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1971. p. 15-27.

RESUMO

Este ensaio trata da sociologia das profissões na obra de Max Weber, vinculada aos estudos da corrente neweberiana, em especial dos sociólogos Eliot Freidson e Magali Larson. Justifica-se pelas potenciais contribuições ao suporte teórico para a compreensão do mundo do trabalho, visto que em Weber as profissões, o profissionalismo e a profissionalização são temas de suas abordagens no processo de racionalização e que os neweberianos revisam e validam os estudos e a metodologia sociológica weberiana. O objetivo deste trabalho é verificar como as suas análises teóricas, empíricas e críticas concorrem para a sociologia das profissões. Porquanto, realizamos uma pesquisa exploratória para garimpar referências e concepções, capazes de formar um prontuário básico de estudo das profissões e da profissionalização, apoiado em Weber e na corrente neweberiana.

PALAVRAS-CHAVE: Max Weber. Corrente neweberiana. Sociologia das profissões.

ABSTRATC

This paper discusses the sociology of professions in Max Weber, linked to studies of Neo-Weberian current, particularly of the sociologists Eliot Freidson and Magali Sarfatti Larson. It is justified by the potential contributions to the theoretical basis for understanding the world of work, as in Weber professions, professionalism and professionalization are subjects of their approaches in process of rationalization and that Neo-Weberian review and validate the studies and Weberian sociological methodology. The objective this work is to verify how their theoretical, empirical and critical analyzes contribute to the sociology of professions. For this, we conducted an exploratory research results and concepts to mine, capable forming a basic chart study of professions and professionalism, backed by Weber and Neo-Weberian current.

KEYWORDS: Max Weber. Neo-Weberian current. Sociology of professions.

Recebido em: 08 de abril de 2014

Aceito para publicação em: 20 de junho de 2014